

Antonio Dó-O Famoso Bando- leiro do Rio S. Francisco

Literatura de Cordel N° 1441 = 1a. Edição = agosto de 1977



AUTOR: Rodolfo Coelho Cavalcante

Presidente da "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel"

Registrado na "CASA RUI BARBOSA", do Rio de Janeiro; na Biblioteca Nacional e no "Centro de Folclore de Piracicaba" - SP.

ANTONIO DÓ - O FAMOSO BÂNDOLEIRO DO RIO S. FRANCISCO

AUTOR: Rodolfo Coelho Cavalcante
Trovador Brasileiro

Já falei de Volta Seca,
Lampião em Mossoró,
Guabiraba, Zé Baiano,
O Negrão de Caicó,
Agora ao Brasil inteiro
Falo sobre o Bandoleiro
Por nome de Antonio Dó.

No Ano Mil Novecentos
E dez tudo começou
Na margem do São Francisco
A questão que se tornou
Nos ataques da Brigada
É a luta da jagunçada
Até que se Dó findou.

Filho de Pilão Arcado
No Estado da Bahia.
Antonio Dó e seus pais
Foram fazer moradia
Nas fronteiras de Goiás
No Estado Minas Gerais
Que até não conhecia.

Neste tempo no Nordeste
Virgulino Lampião
Começava ser famoso
Ensanguentando o sertão.
Quando a injustiça imperava
Nesse tempo se matava
Sem qualquer alteração.

Nessa Era uma denuncia
De quem tivesse dinheiro
Ou mandasse na Politica
No interior brasileiro
Ditava sua própria Lei
E o "CORONEL" era Rei
No fuzil do cangaceiro:

Na margem do Rio Claro
Estado Minas Gerais
Fixou-se Antonio Dó
Com os seus irmãos em paz,
Progredindo no sertão
Com gado, com criação,
Na Lavoura e tudo mais.

Se chamava Boa Vista
Aonde Antonio morava
Com Herculano e Honório
E três irmãs que amava,
Levava a vida fagueira
Porque a família inteira
Noite e dia trabalhava.

Josefa com Marcelino.
Em Minas amaziou-se
E Antonio com Arcanja
Em Boa Vista amigou-se
E assim todos viviam
Trabalhando, progrediam,
Quando uma questão formou-se.

Um visinho de Antonio
Feio povo apelidado
Por nome de Chico Peza
Tornou-se seu intrigado
Por um limite de terra
Dai surgiu uma guerra
Pela traição do "cunhado".

Marcelino que roubava
De Antonio Dó o seu gado
Por despeito ou por inveja
Foi dar parte ao Delegado
Que era um Capitão enérgico
Conhecido por Americo
Muito temido no Estado.

Antonio Dó prevenido
Atendeu a intimação
Procurou a Autoridade
Fela sua educação,
Mas o dito Delegado
Chamou-lhe Ladrão de gado,
Sujeito sem cotação:

Mas eu nunca Capitão...
Cale-se tipo atrevido.
Além do roubo de gado
Você é mesmo bandido,
Eu já sei da sua fama
E o povo já lhe chama
De amancebado enxerido.

Seu Capitão... Não responda
Seu cretino amancebado!
É verdade Capitão
Que não sou homem casado,
Porém sou trabalhador
E também respeitador,
Além disto sou honrado.

Qual a honra seu Bandido,
Roubador de Criação
E de gado que enriquece
Aqui no nosso sertão?...
Seu cunhado Marcelino
Contou-me tudo, cretino,
Sujeito sem cotação.

Neste momento uns papéis
Pelo chão se espalhou
E o Capitão descuidado
Perto de Dó se curvou,
Esse com ódio e disposto
Mandou-lhe um sôco no rosto
Que o Capitão desmaiou.

Curvou ele o Delegado
Aquele mau Capitão
E montou-se em cima dele
Com ódio no coração.
Um soldado foi chegando
E ao Capitão foi salvando
Dando a Dó voz de prisão.

Levou 30 dias prêso
Antonio Dó na cidade,
Através de uma harbecas-corpus
Teve sua liberdade,
Mas o dito Capitão
Continuou a questão
Não dando-o tranquilidade.

Dó pediu para o Juiz
A garantia de vida
Mas essa nunca chegou
Como era prometida,
Emquanto isso a questão
Entre Dó e o Capitão
Continuava renhida.

A mando do Delegado
A soldadesca atacou
A Fazenda de Antonio
Mas este se ausentou,
Tendo seu gado sumido
Tornou-se daí bandido
E muitos homens armou.

Levou ele á Olhos D' Água
Todo restante do gado-
Bem perto de Januária
E voltou muito apressado
Para olhar sua Fazenda
Quando uma nova contenda
Deu tiroteio pesado,

Tendo morrido os seus pais
Toda família enlutada
Tinha vindo de Goiás
E agora em enrascada
Tinha o Major Anacleto
Como grande desafeto
O perseguindo por nada.

Ele com todos jagunços
Cairam perto a um valado
Morrendo Santos Macêdo .
Um seu jagunço estimado,
Nesse grande tiroteio
Foi o combate mais feio
Quase que morre um soldado.

No dia 30 de maio
De 13 Dó atacou
A Cidade Januária
Muito dinheiro tomou
Como resgate da morte
De SANTO que teve a sorte
De morrer quando brigou.

A Brigada reforçou-se
Para invadir o sertão
E atacar Antonio Dó
Na melhor da posição,
Dó agora cruelmente
Roubava e matava gente
Mais feroz que Lampião.

Foi João Batista de Almeida
Alferes designado
Comandar um Batalhão
Pra prender o acelerado,
Consigo dizia: eu só
Prenderei Antonio Dó
Sem precisar de um soldado.

Dia primeiro de junho
Dia 13- ano sangrento-
Partiu o Alferes Baptista
Com ódio sanguinolento
De honrar sua Brigada
Que estava sendo zombada
Pelo Bando violento.

As veredas de Urucuia
E os Vales de Mangai
Entre Pardos e Pandeiros
Ninguém penetrava ali...
Era missão suicida
Que a jagunçada homicida
Dizia:- Eu quero é aqui:...

Os soldados que sofriam
Dentro do mato fechado
Se embriagaram e caíram
Num cerco já preparado,
Foi aí neste paleio
Que ao findar o tiroteio
Foi o Alferes derrotado.

Morreram muitos soldados
E o Alferes afogou-se.
O soldado Anísio Ottoni
Pela caatinga embrenhou-se,
Pensando está agarrado
Pelo Cipó enlaçado
Tiritando ajoelhou-se.

"-Não me mate Antonio Dó
Que sou apenas mandado",
Nisto viu ele o seu engano...
Dó já tinha debandado,
Dali saiu na carreira
Com medo da cabroeira
Dele não ser baleado.

Na Capital do Estado
Só se ouvia a clarinada,
Quando ali urgentemente
Foi formada outra Brigada,
Uma nova Expedição
Partia para o sertão
Desta vez bem preparada.

O Terceiro Batalhão
Teve o seu feliz destino.
Alferes Antonio Guedes
E o Tenente Diamantino
Suas Colunas guiaram
Noite e dia viajaram
Ao encontro do felino,

Nesse tempo Antonio Dó
Já era nome famoso,
Temido no São Francisco-
Rio imenso, caudaloso,
Em todas as ribeirinhas
Até as pobres galinhas
Fugiam do revoltoso.

Alferes Antonio Guedes
À frente do Contingente
Que se prende Antonio Dó
Deixando sua gente,
Levou três prisioneiros
E o resto dos bandoleiros
Correram covardemente.

Somente com três homens
Antonio Dó debandou,
Com a ajuda dos Fazendeiros
Novamente se armou,
Fez aumentar o seu Bando
E ao assumir o Comando
Novamente se emboscou.

Seguiu à Vargem Bonita
Já nas fraldas do sertão
Entre Minas e Goiás
Para rever seu irmão,
Herculano ali morava,
Nova Brigada marchava
No rasto do valentão.

Felix Rodrigues da Silva
Era o Alferes malvado
Conhecido por FELÃO
Que seguia preparado,
Com raiva até o gogó
Pra matar Antonio Dó
Onde estivesse emboscado.

Antonio Dó prevenido
Tinha toda proteção
Do "Coronel Ludugero"
Fazendeiro do sertão,
Quando FELÃO atacou
Uma Aldeia e provocou
A maior desolação.

Jam FELÃO, INDALÉCIO.
Com todos seus comandados
Fazendo mil diabruras
Em Vilas e Povoados,
Dó e o Alferes destemido
Tiveram cerco renhido
Morrendo vinte Soldados.

Após de três investidas
Felão viu o quadro feio
Fugindo co' a soldadesca
Para o Riacho do Meio,
Em Vargem Bonita Dó
Quase dança o "SIRIDÔ"
Num terrível tiroteio.

Seu chapéu abriu um rombo
Que a copa estarelou-se,
Herculano disse: Antonio
A coisa agora danou-se...
Eu não dou para Bandido,
Meu adeus, rimão querido
E ali dele apartou-se.

Dizem que Felão um dia
Na Fazenda Santa Rita
Cuja era situada
Perto de Vargem Bonita
Por seus atos vis e crús
Formou a dança dos nús-
A coisa mais esquisita.

Trinta pessoas dansando
A Modinha do "FELÃO"
Todas nuas, com os dedos...
O resto não digo, não,
Em ritmo cadenciado
Pelas ordens do Malvado
Naquele áspero sertão.

Dizem que o velho Galdino
Que era Grande Benzedor
Fez uma REZA a FELÃO
Que o Alferes do terror
Igualmente um trapo humano
Por "Carrapapo Caiano"
Teve o seu fim de horror.

Todo Médio São Francisco
Sofreu golpes infernais,
Brigadas e mais Brigadas
Do Estado Minas Gerais
Teve dramas dolorosos,
Os golpes mais horrorosos
Que nunca viu-se, jamais.

O Alferes Amaral
Com Carta Branca invadiu
Bahia, Minas, Goiás,
Dispostamente seguiu
Pra pegar o Bandoleiro
De instinto carniceiro
Que outro ninguém se viu.

Foi em São João da Ponte
Que a Brigada recebeu
Auxílio do seu Vigário
E nos matos se escondeu,
Enfrentando espinhos tôcos,
Até que chegou em "CÔCOS"
Na caminhada que deu.

Pela viagem penosa
Já faltava suprimento,
A soldadesca com fome
Amargava o sofrimento,
Comeram Ovo de Ema
Sem encontrar um esquema
De melhorar o alimento.

Perto de Itapicuru
O Alferes atacou
Antonio Dó e o seu Bando
A Brigada triunfou.
O Bandoleiro correu
Quando o dia amanheceu
Nenhum jagunço ficou.

Benedito Alagoano
Um destemido vaqueiro
Foi atrás de Antonio Dó
Voltando deu oroteiro,
Mas um engano casual
O Valente Oficial
Não prendeu o Bandoleiro.

No dia 5 de julho
As 11 horas do dia
Foi ferido o Grande Alferes
Que quase mesmo morria
Com um tiro de Antonio Dó
Que na mira de um Cipó
Deitou-lhe na terra fria.

Antonio Dó presentindo
Que viria outra Brigada
Foi ao Coronel Ornelles
E pediu uma pousada,
Começou se reforçando
E com pouco tinha o Bando
Para qualquer emboscada.

Setembro de vinte e nove
Antonio Dó foi perdendo
Toda sua estratégia,
Sempre as Brigadas vencendo,
Devido falsos amigos
Foi grangeando inimigos,
Muitos jagunços morrendo

Seus companheiros traçaram
Em colóquios a traição
Ajudados por Francilha-
Amázia do Valentão,
Que era para o roubarem
E ao depois o assassinares
Com uma mão de pilão.

José Olimpio primeiro,
Que a traição arquitetou
Fulô, Silvião, José
Farias nenhum ficou
Distante da tal cilada,
Mané Preto- alma malvada
Fol quem mais se encorajou.

Tudo estava combinado
Ao colôquio da traição
Para roubarem seu ouro
Que estava num garrafão
E também seus diamantes,
Jóias de ouro, brilhantes
Roubados pelo sertão.

E assim foi consumado
O fim desse Bandoleiro
Chamado de Antonio Dó
Terror do povo mineiro,
Filho de Pilão Arcado
Que por ser injustiçado
Se tornou um Bandoleiro.

Baseado pelo Livro
De maior exatidão
Do Escritor Saul Martins
Versejei a narração
De Antonio Dó-conhecido
Que foi homem destimido
Que assombrou nosso sertão.

O trabalho de Saul
É uma obra aprimorada
Pois foi-nos apresentada
Toda História detalhada
Com várias ilustrações
Sem haver contestações
Das lutas da jagunçada.

Manoel Ambrósio também
No seu Livro retratou
A História de Antonio Dó
Numa versão que ficou
Em Januária editada,
De Saul não inventei nada
Como o drama se passou.

Bandoleiro das Barrancas
Manoel Ambrózio chamou,
O Jagunço mais Famoso
Saul Martins batizou
E assim duas versões
Que tirei as conclusões
Como tudo se passou.

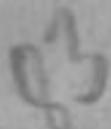
Dezenove de novembro
O "ESTADO DE MINAS" deu
No Ano de Vinte e Nove
Como a morte aconteceu
Do terrível Bandoleiro
Que todo Povo mineiro
Por ele muito sofreu.

Ao Folclorista Saul
Martins o meu obrigado
Pelo Livro que escreveu (1)
Que aqui narrei versado.
Acabou-se o Banditismo,
Morreu o Analfabetismo,
Nosso tempo está mudado:

Ruiu a Ponte da Vida
Onde Dó se exterminou
Devido a oruel traição
O- mais tudo terminou...
Luz ao Povo Brasileiro
Finalmente o Bandoleiro
O-seu nome até deixou.

F I M

(1) "ANTONIO DÓ O JAGUNÇO
MAIS FAMOSO DO SERTÃO"
Belo Horizonte-1967



*Crônica - Descrições
Cangaceiros e cangaceiros*



A CASA DO TROVADOR

— DE —

RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Trovador especialista em folhetos de oito páginas: - O maior sortimento do Nordeste.

Preços Especiais para Revendedores!

Aceitam-se Agentes em todo o país

Rodolfo Coelho Cavalcante
Rua Alvarenga Peixoto, 158

= Liberdade =

— 40.000 —

Salvador-Bahia

--- Ordem Brasileira dos Poetas da ---
Literatura de Cordel

PRESIDENTE: Rodolfo Coelho Cavalcante

Cx. Postal, 916 — 40.000

Salvador

Bahia

Imp. na Tipografia ANSIVAL - R. Aristóteles Góes, 37
Sussunga Nova - São Caetano - Salvador-Bahia